

Bate-boca no Congresso

PDT chama Nélson de inimigo nº 1 dos trabalhadores

BRASÍLIA — A disputa pelo governo do Rio chegou ao Congresso com toda a força. O estopim foi a distribuição, no Rio, de milhares de cópias de uma nota oficial do PDT, protestando contra o já anulado recesso parlamentar, a devolução da LDO e o consequente adiamento para agosto da votação da lei salarial. Na mesma nota, o candidato do PMDB ao governo estadual e presidente do Congresso, Nélson Carneiro, é chamado de “inimigo público número 1 dos trabalhadores”. Visivelmente tenso e irritado, Nélson acusou o golpe e resolveu discutir com o líder do PDT na Câmara, deputado Doutel Andrade (RJ).

Às 11h30, o presidente do Congresso estava em seu gabinete, acompanhado pelo deputado Ulysses Guimarães e alguns senadores, que o pressionavam para suspender o recesso do Senado e pôr em votação a lei salarial, quando Doutel chegou, acompanhado de seu vice-líder, Miro Teixeira (RJ). Surpreendendo a todos, Nélson levantou-se da cadeira e transtornado iniciou o bate-boca com Doutel:

— O que vocês estão fazendo aqui? O que ainda querem comigo? — indagou.

— Vim ao gabinete do presidente do Congresso e não à casa do senador Nélson Carneiro. Queremos discutir a questão da lei salarial — reagiu Doutel.

— Eu não aceito observações de inimigos e nem quero explicações — devolveu Nélson.

— E quem veio dar explicações? — gritou Doutel.

— Vocês estão me injuriando no Rio e me chamado de inimigo público número 1. Eu exijo respeito — continuou o presidente do Congresso.

— É o senhor que não quer votar a lei salarial e quem exige respeito sou eu — devolveu o líder pedetista, que acabou deixando o local, enquanto o senador Alexandre Costa (PFL-MA) e Ulysses tentavam acalmar Nélson. Na saída do gabinete, atraída pela discussão, uma funcionária da presidência do Senado se dirigiu a Doutel de Andrade. “O senhor quer um chazinho?”. “Não. Quem está precisando de um chazinho é o seu chefe, que não tem controle emocional para presidir o Senado e o Congresso”, respondeu Doutel.

No salão verde, próximo ao gabinete de Nélson, o deputado José Genoíno (PT-SP), um dos mais duros críticos de Nélson Carneiro na sessão da última segunda-feira, estava a caminho da reunião, também para tratar da lei salarial. A confusão, no entanto, o desanimou. “Eu ia para a reunião mas, diante da confusão, dei meia-volta”, contou ele, enquanto Doutel, cercado por jornalistas, acusava Nélson: “Ele não tem equilíbrio emocional para comandar o Congresso e precisa ser submetido ao exame de uma junta médica. Ele está gagá.”

A confusão acabou desembocando no plenário, quatro horas depois. Os parlamen-



Nélson: exigindo respeito

tares se aglomeraram ao redor dos microfones, durante o horário do pinga-fogo e Nélson passou a discutir, sistematicamente, com deputados do PDT que usavam a palavra, acusando-os de estarem se utilizando do episódio do recesso para atingir sua imagem como candidato ao governo do Rio. Num dos mais tensos momentos, quando Doutel, na condição de líder, subiu à tribuna para fazer novas acusações e ler a nota do PDT, pedindo a sua transcrição nos anais, o presidente do Congresso se levantou da Mesa e caminhou para o plenário com ar carregado.

— Nélson está muito tenso. Estou preocupado até com a sua saúde — comentou Ulysses, dirigindo-se em direção ao senador, junto com os deputados José Genoíno e Adhemar de Barros Filho (PRP-SP). Enquanto Genoíno pedia a Nélson para anunciar a convocação do Senado, encerrando a polêmica, os outros dois pediam que ele não



Doutel: discutir lei salarial

fosse ao microfone responder a Doutel. “Não posso levar desaforo para casa”, disse ele.

Em sua resposta, Nélson Carneiro desafiou o PDT a provar que ele era o “inimigo público número 1 dos trabalhadores” e contestou a versão de que iniciou o recesso por estar “vendido” ao governo e ter conseguido que o presidente Fernando Collor autorizasse a Caixa Econômica a liberar US\$ 66 milhões de dólares para o Rio. “Fui ao presidente como representante do Rio e não para me entregar e pedir empregos ou favores. Não fui como candidato ao governo, fui levar a reivindicação de um estado que, há 10 anos, por ter governadores adversários do governo federal, não recebe ajuda. Vou continuar fazendo isso, sem me dobrar a nenhum governo”, discursou ele. Ao final, acusou: “Os que me atacam aqui estão, todos, ingenuamente, colaborando para que se possa fazer campanha contra mim no Rio.”